



INSTITUTO DE HUMANIDADES
BACHARELADO INTERDISCIPLINAR EM HUMANIDADES – BHU

DAIANA NUNO SANHÁ

**CASAMENTO DA ETNIA FULA NA GUINÉ-BISSAU: PRÁTICAS
CULTURAIS E PROCESSO DE NEGOCIAÇÃO**

ACARAPE, CE OUTUBRO/2024

DAIANA NUNO SANHÁ

**CASAMENTO DA ETNIA FULA NA GUINÉ-BISSAU: PRÁTICAS
CULTURAIS E PROCESSO DE NEGOCIAÇÃO**

Trabalho de Conclusão do Curso (TCC) em formato de projeto de pesquisa, como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharelado Interdisciplinar em Humanidades na Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro Brasileira (UNILAB).

Orientador: Prof. Dr. Ricardo Ossagô de Carvalho

ACARAPE, CE NOVEMBRO DE 2024

DAIANA NUNO SANHÁ

Trabalho de Conclusão do Curso (TCC) em formato de artigo científico, como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharelado Interdisciplinar em Humanidades na Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB).

BANCA EXAMINADORA

Orientador e presidente: Prof. Dr. Ricardo ossagô de Carvalho
Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro Brasileira (UNILAB)

Examinador: Prof. Adilson Victor Oliveira
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Examinadora Profa. Sandra Dam Adelino Baptista Biifa
Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro Brasileira (UNILAB)

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	5
2. JUSTIFICATIVA.....	7
3. DELIMITAÇÃO/ PROBLEMA DA PESQUISA	8
4. OBJETIVOS	10
4.1. Objetivo geral:.....	10
4.2. Objetivos específicas	10
5. HIPÓTESE	10
6. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	11
6.1. HISTORIA DE CASAMENTO TRADICIONAL DA GUINÉ-BISSAU: QUAIS LIÇÕES?	11
6.1.1 Dinâmicas das relações matrimoniais na celebração do casamento da etnia Fula na Guiné Bissau e suas ressignificações.....	12
6.1.2 Importância de casamento da etnia Fula na Guiné Bissau.....	13
7. METODOLOGIA	16
8. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	17

1 - APRESENTAÇÃO/INTRODUÇÃO

A Guiné-Bissau é um país Africano, que divide a sua linha fronteira com Senegal na zona norte, Guiné Conacri na zona sul e leste, oeste banhada com o Oceano Atlântico e possui um clima tropical. Geograficamente tem uma superfície terrestre de 36.125 km², conta com nove (9) regiões, com o setor autónomo de Bissau (INE, 2009). A Guiné-Bissau é constituída por diversos grupos populacionais de diferentes origens. O mosaico étnico da Guiné-Bissau é muito valorizado, tendo sofrido muitas alterações, no qual a migração desempenhou um papel muito importante no entrecruzamento populacional guineense o que de certa forma acaba contribuindo na formação dos diferentes grupos étnicos (Augel (2007).

Segundo Augel (2007), apesar da pequena extensão do território, ali viviam dezenas de grupos e subgrupos étnicos heterogêneos, com as suas culturas próprias, suas línguas, em grande parte do território, são diferentes umas das outras. Ainda se refere a mais de vinte grupos étnicos, mas os autores não são aprovados nesta qualificação os grupos e subgrupos, porque, os critérios variam de acordo com as realidades de cada grupo étnicos localizados em diferentes zonas do país. Com isso, os grupos étnicos correspondem com a linguagem falada dentro do território guineense e eles todos já estavam ali antes da chegada dos portugueses. A Guiné-Bissau foi o refúgio de numerosos povos que deslocaram premidos por sucessivas invasões. E acrescentam as migrações internas e externas, a mestiçagem e destruições de várias naturezas, está-se diante de um mosaico-étnico.

Pode se perceber que existe a diferença entre “o povo do litoral e os do interior [...] já no XIII e XIV foram alvo do poder expansionista das etnias islâmicas de origem *mandé*, a chamada *malinkização* ou *mandinguização*, já referi tendo ouvido grandes influência sobre todos os povos da estrutura social [...]” (Augel, 2007, p. 77).

O processo de constituição dos grupos étnicos independente de local (lugar) específico, como o território ocupado pelo grupo de pessoas ou etnias de forma livre, isso “poder-se-ia dizer que o território-região é uma categoria administrativa de grupos étnicos que aponta para a de modelos alternativos de vida e sociedade”

Na atualidade, “pode distinguir-se na realidade da Guiné-Bissau três grupos sociais. Um indígena (africanos animistas), outro de influência árabe (islamizados pelos árabes Almorávidas desde os séculos XII-XIII) e outro de influência europeia (cristianizados)” (PINTO, 2009, p.3, Apud, Cabi e Martins, 2020).

“Para Djaló (2012), os primeiros Fulas chegaram ao atual território da Guiné - Bissau em meados do século XV, os primeiros grupos eram formados por pastores que desejavam se hospedar pacificamente no Gabu (Kaabu). Além disso, este autor cita René Pélissier, o qual afirma que “os fulas constituem o

‘elemento perturbador’ da história guineense na segunda metade do século XIX. Este grupo pertence à grande família dos povos que, através de imigrações, invasões e sucessivas mestiçagem alterou permanentemente a história da África Ocidental (DJALO, 2012, p.71). Entre comunidades fulas, “apenas na Guiné-Bissau distingue-se os Fulas-Fulas (Fulas do Fouta-Djallon), que tinha distribuído o reino de mandinga do Gabú, libertando assim os seus primos, os Fulacundas ou Fulas-Forros, da dominação Mandinga” (DJALO, 2012, p. 71). Durante todo esse processo histórico da etnia, com a derrota, os Fulas procuraram assumir definitivamente o seu domínio territorial até hoje na zona leste da Guiné-Bissau, com uma forte organização social” (Cabi e Martins, 2020, p.194

A organização social dos Fulas repousava inicialmente sobre os quatros grupos clãs principais, cujos membros se identificam por um determinado nome da família. [...] Igualmente, os do Clã Djal-Djaló, usam o nome de Diallo, Djaló ou Jaló, os do Clã Ururó, o nome de Baldé os do Clã Daédió, o nome do Bari e os Clã péédjo, o nome de Sóh” (DJALÓ, 2012, p.72, Apud, Tavares, 2018, p. 194).

De acordo com Bauer (2016, Apud, Tavares, 2018), a cultura é um código de uso e de reconhecimento de valores e de ações, onde as atuações sociais são, ambos, um indicador, mas, além disso, um conjunto de controle de referências para a difusão. Acultura na África é vista como a única forma de manter a tradição, as identidades, as práticas religiosas e costumes tradicionais entre grupos étnicos e sua principal característica está nas suas diversidades. “Hoje, a diversidade da cultura africana passa pela história de tráfico dos africanos pelo resto dos continentes” (Tavares, 2018, p. 195).

Por se tratar de casamento de etnia Fula na Guiné-Bissau, seria importante também refletir sobre as desigualdades de gênero na Guiné-Bissau, pois é um dos maiores problemas que afetam a nossa sociedade, onde a camada feminina sempre sofre preconceito, e opressão, sempre são vistos como pessoas de baixa nível de escolaridade, na esfera política guineense se vê pouca presença da camada feminina, são oprimidas e discriminadas que a lugar da mulher é na cozinha e cuidar dos filhos, mesmo na questão da escolarização das meninas se vê, um número muito pouco das mulheres, são obrigadas a casar, em algumas sociedades as meninas são vistas como objetos sexuais, não podem fazer nada, além de cuidar das crianças em casa, e cuidar das necessidades do marido.

2. JUSTIFICATIVA

O motivo da escolha dessa temática, justifica-se por eu ser guineense pertencente da etnia fula, vivi com eles durante muitos anos tenho a experiência este processo de *mara*¹ casamento, de maneira interessante levou-me a deixar algumas inquietações sobre o processo da realização do casamento tradicional dessa etnia. E também por ter passado neste processo como sempre quando se realiza prática cultural a curiosidade de saber ou entender como funciona a tal prática tenciona na pessoa o querer saber.

E com base na minha experiência nessa cultura como sou da aquela etnia e eu mesmo pratiquei aquela cultura e que tenho muita experiência na forma de realizar o casamento da etnia fula e como também sei muitas coisas que é preciso fazer e as coisas que é necessário fazer o que não deve fazer durante a realização desse processo.

Pois, entendo de que todos politicamente vão beneficiar dessa cultura porque muitas pessoas vivem ao lado dos outros povos, mas sem conhecer cultura daquele povo e ao expandir essa cultura tradicional do casamento da etnia fula ajuda aqueles filhos que foram nascer na outra religião saber como realizar o casamento das culturas que tu pertences e como outro também que gostam de fazer pesquisas acadêmicas do casamento tradicionais das outras culturas.

Para melhor na compreensão entre os povos, conhecer a forma da vivência de cada etnia, assim, outros pesquisadores podem ter acesso na forma de compreender como é a prática e que a sociedade em geral o que ajuda perceber o contexto da sociedade guineense, e perceberá forma como essa cultura encaixa dentro da sociedade africana; e no contexto social, e melhorar as dúvidas no campo acadêmico.

Entende-se que no contexto guineense, existem várias etnias que podem ser descobertas e que as pessoas podem pesquisar sobre o casamento de cada etnia como pode realizar aquele casamento, a mistura dos povos que vivem na Guiné-Bissau não conhecem as formas de realização do casamento porque existe várias culturas na Guiné-Bissau que ainda não foram descobertos como se realiza os casamentos deles, mas com essa pesquisa pode ajudar na compreensão dos aspectos culturais em forma de tradição sobre casamento no grupo étnico fula.

O nosso trabalho ajudará também na melhor compreensão dos aspectos matrimoniais e sociais da etnia Fula no território da Guiné-Bissau, tanto no campo social, quanto acadêmico.

¹ Mara casamento significa negociar casamento

3. DELIMITAÇÃO/ PROBLEMA DA PESQUISA

A nossa pesquisa está delimitado entre os anos de 2014 a 2022, nas zonas norte da Guiné-Bissau, concretamente na cidade de Farim e na zona leste nas cidades de Gabú e Bafata, em que a etnia Fula passou a aderir outros processos de casamento e estão complementados outros valores para o processo da realização da cerimônia.

Portanto, essa pesquisa tem como questão fundamental compreender o processo da negociação de casamento dentro da etnia Fula na Guiné-Bissau. Tendo isso em vista, podemos começar com a inquietação.

De que maneira podemos entender a etnia Fula na realização de casamento tradicional na Guiné-Bissau? “Como se dá a negociação de *mara* casamento na etnia Fula e porque se dá desta forma”? O casamento da etnia se dá muito cedo, os pais se comprometem entre os familiares ou entre amigos, na forma de realizar o casamento na forma de economizar os bens entre eles para não reduzir com os outros que não tem, de acordos com a religião que e associadas com a etnia, a mulher ou homem da etnia Fula que é religiosa não pode ficar sem casar, segundo o que está escrito no Alcorão, no ensinamento do profeta todo o homem a partir de 18 anos, já pode casar e a mulher a partir de 14 anos pode assumir as responsabilidades do papel da esposa na casa, já que ela pode dar luz e cumprir com os outro deveres.

Qual é a importância que as nozes têm (cola) no casamento da etnia Fula? Sabemos que na etnia fula as nozes têm grande importância, pois além de que as nozes representam o símbolo de respeito e muitas das vezes na realização da cerimônia a pessoa pode utilizar a tâmara como é raro de encontrar e a coisa que se cultiva na zona da Ásia e antes de procurar eles preferem recomendar as nozes serve também na realização do casamento, e depende também na zona onde este cerimônia está sendo realizado, como na Guiné -Bissau a tâmara se pode encontrar na época do mês sagrado que e *junjun*, eles obterão a utilizar as nozes, as forma de facilitar o processo de realização da cerimônia.

Por que se dá a esteira para a mãe da noiva no processo do casamento da etnia Fula? Sabemos que muito tempos atrás as cadeiras são difíceis de encontrar para sentar então a etnia Fula obteve a ideia de estender um lençol para os visitantes e se a pessoa foi pedir a mão para outra família ele, pois costumam estender o lençol, mas com o decorrer do tempo eles decidiram a arranjar esteira para poder estender em que as pessoas possam sentar, e quando os familiares do noivo foi pedir o casamento os familiares da noiva pedem a esteira para que eles possam sentar, e o objetivo de dar para a mãe da noiva e que simboliza o respeito e gratidão, por que a mãe cuida da filha desde na gravidez até quando você nasceu e criou até que ela ficou grande e

dissídio casar e por isso que a esteira se dá para a mãe da noiva. Para que serve a vaca e a cabra que dão a noiva durante o processo do casamento? Muitas das vezes os pais da noiva cobram os dotes entre ele sempre o noivo tem que arranjar uma vaca ou cabra, isso é dado a noiva como uns bens futuros, que vai servir da fortuna que a mulher deve guardar para os filhos dela, se veio a haver a separação e o homem deixou a mulher sem nenhum tipo da riqueza lá que aquela vaca ou cabra entra ela beneficiaria com os filhos para não passaram a fome e ajudar encontrar outro meio de sobreviver, já que o pai os abandonou. Qual é a afinidade que o dote tem que os pais da noiva costumam pedir? Na etnia Fula muitas vezes os pais pendem o dote como recompensa do casamento, quando um pais pende os dotes obrigatoriamente o noivo tem que pagar, muitas das vezes quando o noivo não tem a possibilidade de encontrar o dinheiro para pagar o dote isso não pode adiar o processo da realização do casamento tradicional, depois da realização da cerimônia ele pode pagar; mas existe outros casos em que o pai da noiva não pede nada para o noivo ele mesmo paga tudo, se o pais da noiva viu que os familiares do noivo não tem como de pagar ele mesmo faz a despesa e entrega a noiva para o marido, ou se ou o casamento entre os primos ambos os lados um faz tudo ou um faz metade e outro faz aquela outra parte para não deixar a despesas só para uma.

Quais são as regras básicas que as pessoas devem ter durante o processo do casamento? Uma mulher muçulmana não pode casar antes de completar 14 anos de idade, isso implementada na etnia Fula com base na associação entre Fula e Islã, uma mulher para casar tem que ser circuncisada, saber lavar o corpo o que disse (djanaba) tem que apreender rezar ler alguns suratul tem que respeitar os seus pais dentro e fora da casa, tem que saber cozinhar e falar bem com os pais do noivo antes de casar e depois de casar, cumprir com 5 obrigações de rezar todos os dias. Esses são fundamentais para o casamento de fula essas regras que ele põe tudo tem que ser cumprida mesmo entre as fulas e com outra etnia que não são fulas essa coisa alguns estão no livro do alcorão e eles pegaram e associaram com a etnia e passar a ser obrigatoriamente para ser cumpridas. Como são vistos estes matrimônios dentro e fora da sociedade Fula?

4 OBJETIVOS

4.1. Objetivo geral:

- Compreender o processo da negociação de casamento dentro da etnia Fula na Guiné-Bissau

4.2. Objetivos específicos

- Entender o casamento tradicional como práticas culturais dentro da etnia Fula;
- Analisar a forma do processo da negociação de *mara* casamento;
- Identificar os significados e intencionalidade dos dotes e como são dadas;

5.HIPÓTESE

O casamento da etnia Fula, além de fator cultural, se dá também por ser considerado fator primordial de manutenção ritual da etnia diante do aspecto religioso da tradição islâmica.

6. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Este trabalho foi fundamentado em teorias dos autores sociais que já fizeram trabalho coeso sobre casamentos tradicionais na Guiné-Bissau, no caso específico o da etnia Fula. Dessa forma, vale dizer que esta fundamentação se dividirá em um tópico e dois sub tópicos, que são: O único tópico é sobre a história de casamento tradicional da Guiné-Bissau, na sequência, teremos o sub tópico onde foi tratado sobre as dinâmicas das relações matrimônias na celebração do casamento da etnia fula na Guiné -Bissau e suas ressignificações e por fim, a importância de casamento da etnia fula na Guiné Bissau.

6.1. HISTÓRIA DE CASAMENTO TRADICIONAL DA GUINÉ-BISSAU: CASAMENTO TRADIÇÃO DE FULA, QUAIS LIÇÕES?

O nosso estudo centraliza a sua abordagem em analisar diferentes atos culturais e tradicionais dessa etnia. Pois, as desigualdades se verificam quando, ocorre a discriminação e o preconceito. Os homens apreendem todos os poderes para usar contra mulheres nos princípios de tempos do patriarcado, para que as mulheres pudessem ficarem nas suas dependências (BEAUVOIR, 2016 apud SILVA, 2019).

Segundo Goivana Dal Bianco Perlin, (2016, p. 4),

“casamento é uma prática comum quase em toda sociedade humana, mas a forma como se dá, depende da forma como cada sociedade é organizada. Atualmente a definição científica que temos do casamento é conhecida como a definição europeia e cristã, que toma o casamento como um laço entre um homem e uma mulher, que decidem partilhar juntos os seus mundos de uma forma harmoniosa” (Goivana Dal Bianco Perlin, 2016, p. 4, Apud, Oliveira, 2018, 12).

Antigamente os familiares da noiva pediam como dote (cabeça de gado e uns cestos), mas com o decorrer do tempo as coisas mudaram como pulseiras de latão, brincos, panos, vidrilhos e alguns produtos europeus, o gado sempre continua a ser a peça principal.

Na atualidade guineense percebe-se três modalidades do casamento, que são: casamento civil que é feito no cartório; casamento religioso que é feito nas igrejas e por último, casamento tradicional que é feito nas aldeias por diferentes grupos étnicos que compõem a contextura da nossa nação, sendo esta última forma do casamento não considerado pelo Estado guineense como uma prática oficial, portanto sem nenhuma legitimidade. O que pode ser - um dos motivos do seu declínio. Encontramos no código civil da Guiné-Bissau, os questionamentos a prática do casamento tradicional, sobre a sua inconstitucionalidade; à noção de casamento está prevista no artigo 1577.o do Código Civil (CC) - casamento é o contrato celebrado entre duas pessoas de sexo diferente que pretendem constituir (...) a família mediante uma

comunhão plena de vida (CÓDIGO CIVIL, 2014 p. 562, Apud, Oliveira, 2018, p.13).

O casamento tradicional tem grande importância na vida de uma mulher africana, além de você ter todo tipo de respeito na sociedade, ou no meio dos seus companheiros.

Com isso, entendemos de que o casamento ajuda uma mulher ou homem africana a sentir-se responsável dentro e fora da casa.

Cada desejo de uma mulher ou homem africano e de casar-se e construir a sua própria família. Na família muçulmana (*islã*) uma mulher que não se casar até morrer, traz para os pais uma tristeza enorme. Na família africana, o desejo de cada e de crescer e casar para poder construir a sua própria família, isso traz o orgulho dos pais.

Ainda sobre o casamento de forma geral, entende-se que é a união dos vínculos entre duas pessoas que institui deveres conjugais, e trata de cerimônia ou ritual que efetiva esse contrato de união. No outro ponto, trata-se de um ou vários atos simbólicos sancionados por uma sociedade com o objetivo de estabelecer uniões matrimoniais.

Provavelmente, a primeira forma de união entre um homem e uma mulher tenha ocorrido por meio de força. Isso não é casamento. Mas no que diz respeito ao casamento no aspecto judiciário é tipo uma instituição que desperta o interesse como objeto de estudo a partir do período de dominação do império Romano, no qual se observam a existência de normas que regulavam a existência dela.

6.1.1 Dinâmicas das relações matrimoniais na celebração do casamento da etnia Fula na Guiné Bissau e suas ressignificações

Na Guiné-Bissau o ritual do casamento tem grande relevância para a etnia Fula, porque ajuda na preservação das suas identidades e práticas culturais. Sabemos que estes casamentos têm a forma como podem ser realizados nos diferentes grupos étnicos.

De acordo com Borges (2009) tenta explicar de uma forma que tem algumas semelhanças, e como podem ser praticados e quais são os riscos que as pessoas podem enfrentar se não praticar o casamento ou se praticar qual é o valor que a pessoa apresenta dentro de uma sociedade tradicional africana.

Na sociedade guineense o casamento tradicional é considerado por mais de milhares de anos desde os tempos passados por nossos ancestrais, se a pessoa não se casar esta pessoa não tem direito dentro da organização política tradicional.

Neste aspecto, houve uma dissonância em termos de gênero, haja vista que foram salientadas as características, sobretudo femininas, o que revela uma percepção da condição da

mulher como pivô central do casal, e também como principal esteio responsável pela manutenção do enlace conjugal ao longo do tempo (Comin, Alves e Silva et al, 2018).

A ligação entre o visível e o invisível, o natural e o sobrenatural é muito importante na Guiné-Bissau e na África em geral, principalmente nas comunidades rurais, a vida social e regulamentada pela consulta da força sobrenatural que possibilita o contato com o sagrado, vai propiciar o acesso aos recursos da natureza, regular a disponibilidade da força de trabalho ou inferior nas relações intergrupais.

Na fala de Augel (2007), a Guiné-Bissau, principalmente nas comunidades tradicionais o apelo a uma instância espiritual, ocorre nas mais diversas circunstâncias no tempo de/a paz ou na guerra, em momento da facilidade ou de dor, de saúde ou enfermidade, na hora de alguns membros dos familiares ou de animais, na hora de resolver dúvidas ou contenta para orientação em caso de problemas familiares e no caso amoroso para o sucesso econômico ou profissional na procura de casamento ou desavença política. Na fala do Augel (2007) na Guiné-Bissau, no/um total da/e população do país cerca de 54% incluindo na categoria de adeptos das religiões animistas, cuja crença baseada no culto dos antepassados, da força da natureza e poder espiritualidade.

Segundo Augel (2007) cerca de 38% dos muçulmanos entre os Fula e Mandingas são mais numerosos, uma maioria cristã corresponde a cerca de oito 8% da população concentrada nos núcleos urbanos, sobretudo na capital.

A semelhança também que a etnia Fula tem com aqueles demais casamentos tradicionais é que eles têm um objetivo que é casar-se tradicionalmente, porque para os africanos o casamento tradicional é a coisa que já existiu há muito tempo, é a coisa que eles têm tudo a respeito; para os africanos, o casamento tradicional traz respeito para aquele pessoa que já se casou tanto na sociedade como nas comunidades tradicionais, como para outras etnia o casamento tradicional afeta nas questões políticas. E como para os outros mesmos se casar civil como os portugueses se considera se não se casar tradicional, você não é considerada ou considerado casado sempre na sociedade tradicional africana você sempre é solteiro ou solteira.

6.1.2 Importância de casamento da etnia Fula na Guiné Bissau

O casamento na etnia Fula é chamado de (deugal). Esse casamento é um processo que é realizado ao longo de muitos anos o casamento as decisões são tomadas pelos pais do noivo ou da noiva se o pais da moça tem o sobrinho dele em casa o filho da irmã dela então se ele quer que a filha dela se case, ele explica tudo para sua irmã que quer a sua filha casa-se com o

primo se a ir do pai da moça aceitar então eles podem casar quer ou não porque as decisões já são tomada pelos pais então tem como a moça ou o rapaz desobedecer o que o tio e a mãe dela já falar.

Outra questão também que nos parece ser importante tem a ver com o nível das exigências da família, com base numa somatória preliminar, “o nível de tais exigências variam em detrimento das condições nas quais a moça se encontra, no caso é levado em consideração os fatores desde virgindade, quantidade de filhos, idade da jovem até ao seu status social” (Tavares, 2018, p. 14).

“Como explica o parágrafo anterior, em certos grupos étnicos em Guiné - Bissau como caso da etnia fula o casamento é processado de uma forma diferenciada com aquilo que foi estabelecido nas leis, isso falando do casamento civil, portanto, em muitas das vezes acontece que os casamentos tradicionais são mais praticados no seio da sociedade guineense” (Tavares, 2018, p.14).

Na etnia Fula os primos podem casar-se, “mas tem a regra os primos de dois irmãos na etnia Fula eles são considerados irmão não podem se casar, mas aqueles que vieram de um irmão e uma irmã eles podem casar porque são considerados primos aquele outro e do homem e aquele e da mulher” (Borges, 2009, p. 34)

Como eu sou daquela etnia Fula presenciei o casamento do meu tio e da minha tia, a minha tia foi dado meu tio desde quando ela nasceu, a minha avo disse que o meu tio seria o marido da minha tia quando ela for maior de idade, quando a minha tia cresceu ela foi dada ao meu tio para casar, e ao logo do processo do casamento por parte da noiva os pais pediram para os pais do rapaz comprar 1kl de nozes (cola e que chamamos em crioulo), pano, roupa da mãe e do pai, tenda, cabas, roupa da noiva tem que ser de cor branca, dinheiro, mala, martilhes da cozinha, 1(um) saco de sal, vaca e cabra; e que a cabra tem grande importância na realização do casamento da etnia fula, aquele cabra vai ser deixado na casa dos pais da moça quando a noiva for embora para casa do marido e aquele cabra tem que gerar muitos filhos se um dia a mulher veio terminar com o rapaz aquele cabra que foi deixado na casa dos pais dela e que vai servir da herança para os filhos dela, e o dinheiro serve para os primeiros dias da noiva na casa do marido se no caso o marido não tem dinheiro aquele dinheiro que foi dada no processo do casamento a moça começa com a nova vida até onde o dinheiro acaba. Na etnia Fula o maior problema na realização do casamento e que o noivo ou a noiva tem que ser muçulmana ou muçulmano se um deles não for muçulmano então tem que converter antes de casar-se com um indivíduo que é muçulmano, porque na etnia Fula como sabemos ao longo da história são muçulmanos então um muçulmano não pode casar com não muçulmano.

Essa prática tem acontecido em outras regiões da África também, como sustenta o Azevedo (2015, apud, Tavares, 2018),

“o preço da noiva ou lobolo quer dizer às condições que serão propostas pelos pais da noiva, ou em outras palavras, preço, o valor em dinheiro que será acompanhado com o resto das exigências. Dependendo dos casos, tem algumas famílias que colocam condições muito elevadas, no caso, pedem onze (11) vacas, quanto a essas exigências cabe a critério de cada família, a partir de momento que o noivo cumprir com todas as exigências daí terá todo direito de levar a noiva para sua casa para que possam viver juntos e produzirem filhos. O lobolo é praticado na Moçambique e África do Sul segundo Azevedo e Bagnol. Como é sabido na maioria dos grupos étnicos na Guiné-Bissau os filhos do casal terão o sobrenome do pai. Outra questão também que nos parece ser importante tem a ver com o nível das exigências da família, com base numa somatória preliminar, o nível de tais exigências variam em detrimento das condições nas quais a moça se encontra, no caso é levado em consideração os fatores desde virgindade, quantidade de filhos, idade da jovem até ao seu status social”.

Pois segundo Comin, Alves e Silva et al, (2018), em uma sociedade considerada tradicional, organizada sob rígidas prescrições morais e baseada na cristalização dos papéis de gênero, a ruptura dessa estrutura normalizadora era percebida como perigosa para as futuras gerações e para a continuidade do próprio contexto social.

Mas, existem hierarquias dentro das tradições, essas categorias são estabelecidas e tem a necessidade de promover casamentos por meio de indicações familiares e, quem não vive desta realidade ou até aqueles que viveram e acabaram não compactuando por serem forçados, como o caso das menores que fogem e procuram ajuda nas ONGs que se posicionam contra estas práticas (Tavares, 2018, p. 14).

Mas ao logo do tempo as coisas começaram a mudar-se em que um muçulmano pode casar com um muçulmano, as antes de casar tem que que passar por alguns rituais como: tem que converter, e deve ser circuncidada, para tonar uma mulher com higiene, tem que apreender ser pelo menos algumas lições para poder cumprir com 5 horário da reza o nome deve ser mudado para o nome muçulmana, uma mulher ao casar com um homem muçulmana ou um homem não muçulmano ao casar com uma mulher muçulmana deve cumprir com estes rituais. A fula com toda as misturar com outras etnias, mas ainda continuam com as decisões deles.

Portanto, entende-se o casamento civil define uma relação entre os casais e o Estado (lei civil) e o casamento religioso, nesse caso “deugal” uma conexão com Deus, além de relação familiar, essencialmente um ato que estabelece uma relação entre o casal e a família (Bagnol 2008).

7.METODOLOGIA

Para compreender o objeto do estudo deste trabalho que consiste em compreender **casamento da etnia fula na Guiné-Bissau**, será usado o método qualitativo para materialização dos objetivos traçados, no qual refere-se “a teoria em seus estudos de várias formas. Eles empregam teoria como uma explicação ampla, de forma bem parecida. Essa teoria dá uma explicação para comportamentos e atitudes e pode ser completada com variáveis, construções e hipóteses” (Creswel, 2007, p.141). Os procedimentos que serão utilizados para coleta de dados, é através da realização levantamento bibliográfica, por meio de consultas de livros, dissertações, artigos, livros e outras plataformas digitais para recolher as informações que permita a “[...] investigação de um fenômeno concreto, eleva-se a seguir ao nível do abstrato, por intermédio da constituição de um modelo que represente o objeto de estudo retomando pôr fim ao concreto [...]” (Lakatos e Marconi, 2003, p. 111). O nosso trabalho tem terá como público alvo o grupo étnico fula como o nosso objeto de pesquisa, tendo a Guiné-Bissau como o local da pesquisa deste trabalho, entretanto para compreender esse processo do casamento tradicional dessa etnia, faremos a entrevista que será baseado nas perguntas abertas e fechadas, essas entrevistas será com pessoas que viveram essa experiência; e aos autores que falaram sobre o casamento, tentar compreender para poder explicar algumas perguntas para saber responder.

Considera que a linguagem abstrata deve ser indispensável para assegurar a possibilidade de comparar experiências à primeira vista irreduzíveis que, se assim permanecessem, nada poderiam ensinar; em outras palavras, não poderiam ser estudadas. Dessa forma, o método estruturalista caminha do concreto para o abstrato e vice-versa, dispondo, na segunda etapa, de um modelo para analisar a realidade concreta dos diversos fenômenos, entre os quais, o casamento.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AUGEL, Moema Parente. O desafio do escombros: **nação, identidades e pós-colonialismo na literatura da Guiné-Bissau**. Rio de Janeiro: Garamond, 2007.

BAGNOL, Brigitte. *Análise Social*, vol XLIII (2º): Lovolo e espírito no sul de Moçambique, 2008, 251- 272.

BORGES, Ecyalasuy Moreira, será que o casamento explica a gravidez precoce das jovens islâmicas (Fulas e Mandingas), Salvador 2009.

CABI, Sambite Santos, MARTINS, Fernando José. Processo da constituição da fronteira e cultura étnica entre a comunidade fula e mandinga em Guiné-Bissau. UNIOESTE, Revista Eletrônica de Ciências sociais e Filosofia. REVISTA ALAMEDAS Vol. 8, n. 1, 2020.

CARDOSO, Carlos. **A Transição democrática na Guiné-Bissau um parto difícil**. INEP, 1995.

COMIN, ALVES E SILVA et al. Fabio Scorsolini, Júnia Denise, & Manoel Antônio dos Santos. Permanências e Descontinuidades nas Concepções Contemporâneas de Casamento na Perspectiva de Casais Longevos. *Psicologia: Teoria e Pesquisa* DOI: <https://dx.doi.org/10.1590/0102.3772e34423> 2018, v.34, e 34.

CRESWELL, John W. Projeto de pesquisa: **métodos qualitativo, quantitativo e misto**. Tradução Luciana de Oliveira da Rocha. - 2. ed. - Porto Alegre: Artmed, 2007.
da população e habitação. Bissau: INE, 2009.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTATÍSTICA (INE), Guiné-Bissau. Recenseamento geral da população e habitação. Bissau: INE, 2009.

LAKATOS, Eva Maria e MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica** 1. - 5. ed. - São Paulo : Atlas 2003.

OLIVEIRA, Piquinina. Costumes e crenças tradicionais em tempos de transformações culturais: um estudo sobre o declínio do casamento da etnia Mancanha na Guiné-Bissau. 2018. 17 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Humanidades) - Instituto de Humanidades e Letras, Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, São Francisco do Conde, 2018. Disponível: <https://repositorio.unilab.edu.br/jspui/handle/123456789/865>. Acesso: 10 de nov. 2024

TAVARES, Yacine Henriques. Prática do casamento forçado e precoce na Guiné-Bissau: uma aproximação desde a etnia Fula. 2018. 22 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Humanidades) - Instituto de Humanidades e Letras, Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, São Francisco do Conde, 2018. Disponível em: <https://repositorio.unilab.edu.br/jspui/handle/123456789/873>. Acesso: 10 nov. 2024